

# ***LEITURA EM VOZ ALTA: uma experiência com crianças de três a dez anos de idade***

Ana Rita Almeida \*

## **Resumo**

Este trabalho procurou investigar em que medida a prática da leitura em voz alta estimula o interesse das crianças pela leitura e o livro. A pesquisa envolveu a observação de treze sessões de leitura realizadas com oito crianças, na faixa etária entre três e dez anos de idade. Os resultados indicaram que a leitura em voz alta atraía as crianças. A leitura, quando desvinculada da obrigação, pode transformar-se em uma forma de divertimento e prazer. Notou-se que a leitura em voz alta, por ter sido apresentada como uma atividade lúdica, isto é, livre, sem o caráter obrigatório que, normalmente, ocupa na escola, foi capaz de provocar prazer nas crianças. Concebida dessa forma, essa prática de leitura pode ser muito eficiente para despertar o interesse e desenvolver nas crianças o gosto pela leitura.

**Palavras chave:** leitura em voz alta, prazer, sessões de leitura

## **Abstract**

This paper searches to investigate what to extent the reading out loud stimulates the children's interests to reading and to books. The research involved the observation of 13 sessions of reading undertaken with eight children from three to eight years old. The findings pointed out that this kind of reading was interesting for them. The reading, detached from the sense of obligations seems to make the reading as an entertainment and playing activity, that is, free of that compulsory feature which usually is present in the school. In this kind of activity, the reading becomes more pleasant. Understood in this way, this practice may be a very efficient way to develop the interest of the children in reading activities.

**Key words:** Reading out loud, pleasure, reading sessions.

## **Introdução**

A cultura escrita abre as portas ao conhecimento e à herança cultural da humanidade. Portanto, no mundo contemporâneo, o letramento e o acesso à leitura e ao livro são instrumentos indispensáveis ao desenvolvimento e à integração do homem à sociedade.

A luta contra o desinteresse dos jovens pela leitura não é de hoje. Mas, o nosso país ainda está longe de assegurar e garantir aos jovens o acesso à leitura, pois faltam políticas públicas eficazes que promovam o livro e a leitura. Os resultados de pesquisas recentes sobre o nível médio de leitura dos brasileiros são preocupantes. Segundo o Jornal A Tarde, em 2004 as pesquisas do Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência (UNICEF), revelaram que 17% dos jovens brasileiros gostam de ler, e outros 17% só lêem quando são persuadidos por professores. Os estudos do

Ministério da Cultura apontam que o brasileiro lê em média dois livros por ano e apresenta pouco interesse pelo livro. Já o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF-2001) apontou que 67% dos brasileiros se dizem interessados pela leitura. Ora, aqui nasce a seguinte reflexão: a falta de interesse dos jovens pelo livro não estaria relacionada ao reduzido número de projetos e bibliotecas dedicadas à divulgação e incentivo à leitura?

Há algum tempo, iniciativas públicas e privadas vêm sendo implementadas, mesmo que ainda insuficientes, para combater esse problema. O Ministério da Cultura criou o Plano Nacional do Livro e Leitura, que apresenta uma série de estratégias de democratização, fomento, valorização e desenvolvimento da economia do livro com fins de incentivar a população brasileira a ler livros. Todavia, torna-se cada vez mais necessário que a sociedade civil, os estados e municípios criem também iniciativas que possam transformar a

---

\* Professora da Universidade Tiradentes (Aracaju). E-mail: analmeida64@hotmail.com.

capacidade leitora dos seus cidadãos, dando a possibilidade de a leitura ocupar no dia-a-dia dos brasileiros o seu legítimo caráter prazeroso.

Com esse propósito, vêm surgindo editoras especializadas em literatura infantil; algumas bibliotecas têm procurado se modificar para atender aos jovens leitores e aos leitores em potencial; a escola, por sua vez, também procura seguir esses passos, despertando o professor para o seu papel na aproximação das crianças à leitura.

O livro deve fazer parte do cotidiano infantil antes mesmo da criança saber ler. Já na primeira infância, através da família, na voz do adulto, ou em experiências e visitas às bibliotecas e livrarias. O prazer de ler nasce do contato e do manuseio do livro, do ouvir e ver códigos lingüísticos ainda não decifráveis. Portanto, o aprendizado da leitura não deve escamotear o despertar do prazer, ou seja, do gosto pela leitura.

Sabe-se que, para a criança poder adquirir o gosto de ler, deve saber ler. Enquanto tiver dificuldade para decodificar os signos, a leitura não será um prazer, mas uma tortura. Por outro lado, é necessário dizer que a criança aprende a ler se conhece os livros e se, em qualquer modo, é habituada a usá-los com frequência. É necessário, portanto, valorizar a utilização precoce do livro de modo que a criança possa primeiro jogar e depois ler, através das imagens e da leitura do adulto. (Catarsi, 2004. p.4)

Alguns autores, como Genovesi (1993), Bueno (1999) e Catarsi (2004) vinculam leitura e prazer, defendendo a idéia de que o prazer da leitura antecede o saber ler. Stingham (1999), por exemplo, destaca o papel que a voz exerce sobre o mundo dos iletrados na cultura oral e, no nosso caso específico, ressaltamos a prática da leitura em voz alta como uma forma de aproximar todos os níveis culturais e sociais ao universo da leitura.

Acredita-se, portanto, que quanto maior for os incentivos da sociedade civil e do governo na organização de projetos de leitura, voltados para o interesse da criança, maior será a chance de se criar sujeitos letrados e com o 'gosto pela leitura'. A escola não fica longe disso, pelo contrário, uma vez que se ocupa da cultura letrada, tem a responsabilidade ímpar de *"realizar intervenções metódicas e sistemáticas, na compreensão, e no cultivo do prazer de ler. Se auxiliada por uma produção literária de bom nível, pode criar as bases de uma transformação necessária: o salto qualitativo em direção ao saber ler."* (Genovesi, 1993, 106).

A leitura em voz alta, realizada pelo adulto, é uma atividade pouco realizada nas escolas e

progressivamente extinta na maioria das famílias, na medida em que a criança passa a dominar o código lingüístico. Em um projeto que se ocupa da leitura em voz alta para crianças, pudemos observar a importância de um espaço dedicado à leitura fora dos muros escolares e familiares. Sem o compromisso de atrelar a leitura em voz alta à aprendizagem da leitura e da escrita, objetivo já perseguido pela escola, o projeto é uma oportunidade para as crianças se aproximarem de forma lúdica ao livro e à leitura.

A partir das reflexões acima, o presente estudo investiga se a leitura em voz alta, realizada pelo adulto, efetivamente desperta o interesse das crianças pelos livros e pela leitura. Procura-se também perceber como as crianças reagem à leitura em voz alta.

## Procedimentos metodológicos

A seguir, indicamos as características da nossa pesquisa, descrevendo o modo como foi realizada e os mecanismos utilizados para a coleta e análise dos dados. A pesquisa foi realizada tendo com pano de fundo um projeto em existência há dez anos que desenvolve leitura em voz alta para crianças.

Essa iniciativa se destaca das demais práticas de leitura por se ocupar de pesquisa, estudo, formação e promoção da leitura. O projeto ocupa-se da leitura em voz alta e da troca de livros em uma brinquedoteca que atende as famílias da comunidade com filhos na faixa etária entre zero e quatorze anos. Enquanto espaço aberto ao jogo e ao divertimento, os serviços disponíveis à comunidade vão da assistência psicológica aos pais aos laboratórios de arte, brinquedo e leitura dedicados ao público infantil.

Este trabalho teve como objeto de estudo as sessões de leitura em voz alta realizadas pelo pesquisador com um grupo de crianças que freqüentavam as atividades da brinquedoteca. As atividades oferecidas eram abertas a todas as crianças e não exigia frequência, de modo que elas se sentiam à vontade para escolher entre escutar a leitura e jogar com um brinquedo em outra sala.

A amostra compreendeu um grupo de oito crianças, na faixa etária entre três e dez anos de idade, que pertenciam à classe média e freqüentavam a escola da cidade. As crianças, de livre escolha, participavam assiduamente de todos os nossos encontros de leitura. Alguns dos encontros tiveram a presença dos pais, que acompanhavam os filhos menores de cinco anos de idade. O ambiente foi decorado e os móveis foram predispostos de uma forma que fosse acolhedora às crianças e proporcionasse tranquilidade e

concentração na leitura. Infelizmente, a constante movimentação dos pais quebrava um pouco o clima.

As observações foram realizadas durante três meses, compreendendo um total de treze sessões de leitura com duas horas de duração cada uma. O laboratório de leitura era dividido em três fases. O primeiro momento era dedicado à troca de livros usados e ao livre contato das crianças com os livros expostos nas estantes e mesas, o segundo, destinado à leitura em voz alta e à observação do livro lido pelas crianças e o último, ao laboratório de expressão artística no qual as crianças eram convidadas a participar.

A pesquisa apresentou um cunho eminentemente qualitativo e o procedimento utilizado para a coleta de dados foi a observação. O trabalho contou com a participação da pesquisadora, que desenvolveu o papel de leitora dos textos que foram previamente escolhidos para as crianças. No final de cada sessão de leitura, os dados observados foram diariamente registrados. Anotava-se tudo, desde o interesse das crianças pela leitura até as reações delas ao texto. O processo de observação das sessões de leitura compreendeu basicamente três etapas: observação da receptividade das crianças em relação aos livros distribuídos sobre a mesa; observação da reação das crianças diante da leitura em voz alta; observação do gênero literário preferido pelas crianças durante as trocas de livros.

A escolha do texto obedeceu ao critério da idade e do interesse das crianças. Os textos foram cuidadosamente selecionados para facilitar a compreensão do grupo. Algumas vezes, foi necessário realizar duas sessões de leituras para atender as diferentes idades, cada sessão sendo dedicada a uma determinada faixa etária. Entre os gêneros de leitura mais apreciados, destacaram-se aventura e mistério para os maiores e contos de fadas e fábulas para os menores.

Os dados coletados foram organizados em ordem cronológica, para facilitar o processo de análise. Com relação à análise dos dados, o procedimento compreendeu as seguintes fases: leitura preliminar e organização cronológica das observações; releitura e agrupamento das diferentes etapas da observação, por exemplo, agruparam-se todas as observações referentes à reação das crianças à leitura em voz alta; leitura e releitura com grifos dos aspectos que se repetiam ou que se destacavam nas observações, com o objetivo de detectar padrões de conduta nas crianças; por último, agrupamento das informações em temas, que se transformaram nas seguintes categorias de análises: interesse pela leitura, reação ao texto, atenção, interesse pelo livro e formas de ouvir.

## Resultados

Como resultado principal, foi possível observar que a leitura em voz alta feita pela pesquisadora atraía as crianças de três a dez anos de idade, que respondiam com interesse e participação em todos os encontros. O escutar alguém ler provocava prazer e despertava a atenção das crianças.

Durante as sessões de leitura com crianças de oito a dez anos, pôde-se observar gesticulações e reações que revelavam o envolvimento delas com os acontecimentos narrados. Muitas vezes, observaram-se olhos arregalados, bocas abertas, silêncio, sinais de atenção e escuta. Observou-se, também, que o interesse das crianças variava de acordo com o texto e a idade. As crianças de seis a oito anos mostraram-se muito interessadas em escutar a leitura dos contos de fadas, dos clássicos aos modernos. Mesmo aqueles textos já conhecidos, eram escutados com interesse e atenção. As crianças de três a cinco anos apreciavam as versões curtas dos contos de fadas e se divertiam em escutar fábulas. Essas crianças respondiam com vivacidade a textos com rimas e de estruturas simples, cujo final da história era previsível. Já as crianças acima de nove anos, mesmo apresentando uma preferência por certo gênero de leitura, tipo aventura e mistério, escutavam com interesse os textos clássicos da literatura infantil.

O tempo de atenção que as crianças conseguiam dispensar à leitura também variava conforme a idade e as características de cada uma. Por exemplo, as crianças de três e quatro anos apresentavam um tempo pequeno de concentração, exigindo um texto curto sonoramente marcado com rimas. Quando o texto era longo, as crianças em um determinado momento apresentavam desinteresse e saíam da sala para jogar com um brinquedo qualquer. Durante as sessões de leitura em voz alta, observou-se também uma diferença no tempo de concentração entre duas crianças, Maria de três anos e meio e Giovanna de quatro. Sentada sobre um pequeno palco, a pesquisadora convidou as crianças para a leitura. Algumas delas se sentaram perto da leitora, outras preferiram continuar na cadeira, acompanhadas de suas respectivas mães. Giovanna se aproximou e se sentou no colo da pesquisadora, que iniciava a leitura do texto "Milena está com o coração em pedaços". Giovanna com os olhos atentos escutava a história, enquanto Maria continuava sentada próxima da sua mãe. No meio da história, Maria se levantou, foi para perto de seu irmão Fulvio (5 anos). Fulvio não lhe deu atenção e continuou ouvindo a história. Maria se distraiu com o ruído da porta, se levantou e pediu água a sua mãe. Maria voltou e se sentou junto de Fulvio, que lhe empurrou, Maria chorou. A mãe pegou Maria e saiu. Maria retornou com um brinquedo na mão e ficou

até o final da história. Enquanto isso, Giovanna permaneceu todo o tempo atenta aos movimentos da leitora, escutando curiosa a história e, no final, vibrou com os colegas ao ver as imagens do texto.

Como ilustrado na situação acima, enquanto Maria apresentou pouco tempo de concentração, dispersando-se com qualquer ruído ou preferindo jogar com um objeto. Giovanna era uma perspicaz ouvinte, escutando concentrada a história com os colegas maiores. Apesar da pouca diferença de idade entre as duas, Giovanna revelou-se mais interessada em ouvir a leitura, apresentando expressivamente seu interesse pelo texto. Giovanna, ao contrário de Maria, estava habituada a escutar alguém ler para ela em casa. Sua mãe participava regularmente da troca de livros no acervo do projeto, solicitando sempre sugestões de leituras para seus filhos. Naturalmente, o convívio com o mundo da leitura favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas como ouvir, ler e escrever.

Em uma outra sessão, foi lida uma versão resumida dos “Três porquinhos”. Maria mostrou-se tão atenta e concentrada quanto Giovanna. Diferentemente da primeira sessão, Maria optou por ficar junto aos colegas e, de olhos arregalados, se divertiu com as situações repetitivas da história. Um outro aspecto a considerar aqui é a relação entre o texto e o nível de compreensão das crianças. Parece que o tipo de texto escolhido nessa sessão foi mais adequado ao nível de compreensão de Maria, que se mostrou interessada em ouvi-lo.

Já as crianças entre cinco e seis anos, aceitavam os textos mais longos, evidenciando porém, uma grande necessidade de observar as imagens do livro. Fulvio (5 anos) e Vanessa (6 anos) escutavam a história próximos da pesquisadora. Ambos permaneciam atentos, mesmo nas histórias mais longas, porém ávidos em olhar as imagens do livro na medida em que escutavam o texto.

As crianças entre sete e dez anos eram disponíveis a escutar leituras mais longas, mostravam-se atentas e severas com qualquer barulho que atrapalhasse a leitura. Muitas vezes, indicavam à pesquisadora as leituras que gostariam de ouvir e, de vez em quando, apreciavam também escutar os contos de fadas.

Todas as crianças permaneciam sentadas em suas cadeiras com exceção de Laura (10 anos), que se aproximava do palco e sentava no tapete perto da leitora. Certa vez falou: *posso ler um trecho também?* Por duas vezes, Laura participou da leitura, lendo um trecho para seus colegas. Depois da leitura, Laura comentou com a pesquisadora que gostaria de saber ler para os outros. A pesquisadora perguntou: *Você lê em casa ou na escola para alguém?* Laura respondeu: *eu fico nervosa quando tenho que ler para os outros e na escola eu nunca leio em voz alta.* A pesquisadora comentou:  *você*

*precisa treinar a leitura, se quiser pode vir aqui e ler alguns trechos de livros para mim antes de iniciar o laboratório com as crianças.* Algumas vezes, Laura compareceu e leu poesias e trechos de uma história mostrando-se à vontade e de sua iniciativa solicitava à pesquisadora que a corrigisse. Laura lia bem e com fluência, mas lia rápido e atropelava as palavras. Era uma criança extrovertida, mas se revelava ansiosa quando devia apresentar-se em público. Com a pesquisadora, se sentia tranqüila e lia em voz alta sem perceber que estava superando suas próprias dificuldades.

Certo dia, após ouvir o texto “Milena tem o coração em pedaços”, que conta a aventura de uma baleia obesa e apaixonada, Laura falou para os colegas: *“Eu também sou gorda, mas não sou triste. Se um dia eu me apaixonar, quem me amar tem que me aceitar como eu sou”.* Laura revelou empatia com o texto, identificando-se com as experiências e sentimentos das personagens. Com dez anos, já apresentava sua preferência literária e era capaz de fazer uma análise do texto tirando suas próprias conclusões.

Cada criança escutava a história de um jeito. Por exemplo, aquelas entre três e cinco anos de idade apresentavam uma necessidade de escutar a leitura, observando as imagens. Essas crianças demonstravam um enorme prazer e alegria em escutar a história perto da leitora, sentadas comodamente sobre o tapete, onde podiam observar as imagens do livro. Os livros bem coloridos e ricos de imagens despertavam muito interesse. Fulvio (5 anos), mostrou-se muito interessado pelas imagens dos livros, escolhendo sempre aqueles com imagens grandes e pouco texto. Folheava com atenção os dispostos sobre a mesa e escolhia um para ler, abria o livro e, olhando as imagens contava em voz alta a história. Fulvio procurava sempre envolver o adulto mais próximo (mãe ou pesquisadora) na sua leitura, dividindo com ele suas impressões sobre o texto.

Outras crianças da mesma faixa etária revelaram-se menos apegadas às imagens. Michela, também de cinco anos, se destacou pela aguçada capacidade de ouvir. Ao contrário de Fulvio, lhe bastava escutar o texto. Durante as sessões de leitura em voz alta, sentava perto de sua mãe e escutava silenciosa a história sem revelar a necessidade de observar as imagens do texto. Com os olhos sobre a pesquisadora acompanhava o movimento da leitura, observando cada mudança de entonação de voz. Para Michela, a voz era o suficiente para desencadear sua imaginação. Escutava sem piscar os olhos e tinha uma enorme concentração sobre a leitora, cuja menor expressão era acompanhada com suspiro e perplexidade. No final da leitura, com menos entusiasmo que Fulvio se juntava aos colegas para observar as imagens do livro enquanto reconstruíam a história.

Já Maria (3,5 anos) escutava a leitura, ora sentada, ora em pé, ora se aproximava da leitora, parecendo que a história lhe interessava pouco. Apresentava uma concentração menor em relação aos colegas de sua idade, mostrando-se, muitas vezes, irrequieta e dispersa. Mesmo na leitura de história curtas, a capacidade de concentração era pouca, permanecendo somente até a metade da leitura. Contrariamente ao que acontecia com Giovanna, interagiu pouco com o grupo, preferindo ficar com sua mãe.

Todas as crianças que freqüentavam o projeto mostravam-se interessadas pelos livros expostos nas mesas. Os livros despertavam a atenção tanto das crianças maiores quanto das menores, que se aproximavam, tocavam, folheavam, liam ou pediam para um adulto ler para elas. Giovanna, de quatro anos, vê o livro "O porquinho cor de rosa" sobre a mesa, pega, folheia e diz ao pai: "*lê para mim!*" O pai se aproxima e lê para ela, que escuta com os olhos. Quando o pai termina a leitura, Giovanna diz novamente: "*lê outro!*" e o pai pega um outro livro e recomeça a ler. Giovanna mostra-se muito à vontade com o universo da leitura e sozinha corre a prateleira, folheia os livros expostos, escolhe o que deseja e solicita a alguém para ler em voz alta. Sentada demonstra entusiasmo e prazer em escutar a voz do outro.

As crianças de oito a dez anos já apresentavam uma certa intimidade com o livro. Antes de começar a leitura, bisbilhotavam as estantes procurando os seus títulos preferidos para trocar com aqueles que traziam de casa. Essas crianças já apresentavam um gosto bastante definido de leitura, pois selecionavam suas trocas pelos gêneros literários disponíveis no acervo. Entre os mais difusos no grupo, destacavam-se as coletâneas juvenis de suspense, aventura, magia e mistério. As crianças entre três e cinco anos realizavam suas trocas com a ajuda das suas mães. Os livros mais procurados eram os contos de fadas e as fábulas mais modernas. Já as crianças de seis e sete anos ficavam curiosas pelos livros expostos na mesa e armários, folheavam, liam, mas não estavam dispostas a realizar trocas. Freqüentavam as sessões como ouvintes, mas apresentavam resistência em trocar seus próprios livros, preferindo ler várias vezes o mesmo livro.

As crianças entre nove e dez anos eram aquelas que habitualmente se aproximavam do pesquisador, seja para contar suas preferências de leitura, seja para discutir uma determinada história. Giulia (10 anos) tem preferência pelo gênero mistério e recusa-se a fazer trocas com livros de outro gênero. Certo dia, a apresentadora lhe sugere um livro de Geronimo Stilton, gênero humor, Giulia aceita sem muita convicção. Dias mais tarde, comenta com a pesquisadora que gostou do livro e gostaria de

escutar a leitura em voz alta de outros livros do mesmo gênero.

Durante a experiência, pôde-se observar um progressivo interesse pela leitura e pelo livro, seja pela freqüência das crianças nas atividades, seja pela quantidade de livros que foram trocados durante o período da pesquisa. O momento dedicado à troca de livros era um espaço de interação afetiva, de aproximação entre a criança e o adulto e das crianças entre si. A troca de livros era um momento para conhecer os gostos, incentivar novas descobertas, enfim conhecer o público que freqüentava as sessões de leitura em voz alta. Conhecer as preferências de leitura permitiu auxiliar as crianças na escolha dos livros, e a selecionar os textos adequados às suas necessidades e os seus desejos.

## Conclusão

A nossa experiência demonstrou que, diferentemente da escola, em uma brinquedoteca a leitura feita pelo adulto é um divertimento, uma escolha que a criança faz entre tantas outras opções de jogo e brinquedo. A leitura em um espaço lúdico aproxima a criança do livro e a ajuda a descobrir o prazer de ler.

De um modo geral, quando se fala de aprendizagem, há uma tendência a dissociar os aspectos afetivo e cognitivo envolvidos na aquisição de habilidades tais como ler, recordar, inferir, seqüenciar. Todavia, emoção e cognição são fenômenos que interagem e se influenciam mutuamente. No caso específico da leitura,

"manter esses aspectos separados é artificial, não esclarece a natureza do fenômeno da leitura, pelo contrário obscurece sua complexidade. Uma análise que integre os componentes afetivo-energéticos com aqueles cognitivos se baseia na tese de que a leitura gera um tipo de prazer peculiar que consiste no encontro entre a arquitetura dos conteúdos da mente e a narrativa" (Catarsi, 2004, p. 3).

Desse modo, é inegável a importância de priorizar a narrativa na educação da criança. A estratégia da leitura em voz alta na família é um instrumento poderoso para despertar, desde cedo, o gosto pela leitura. A criança aprende também pelo exemplo e a sensibilidade para escutar uma história nasce da oportunidade de experienciar com seus pais um momento de leitura em casa. Assim,

“Ler em voz alta é importante por vários motivos, começando pelo fato de que essa experiência favorece o desenvolvimento de um comportamento positivo em relação ao livro e promove uma relação afetiva ‘intensa’ com o mundo dos livros. Além disso, deve-se recordar que, particularmente durante a primeira e a segunda infância, o desejo de emulação é muito forte, portanto, ver e escutar um adulto que lê e ser envolvido na história é determinante para o desenvolvimento do ‘prazer de ler’”. (Catarsi, 2004, p.12).

A escritora americana Eudora Welty em sua autobiografia descreve, assim, a sua iniciação no mundo da leitura:

“Eu aprendi, desde a idade de dois ou três anos, que cada cômodo da nossa casa, a qualquer hora do dia, era ali para que alguém lesse ou escutasse alguém ler. Para mim, lia minha mãe. Pela manhã, lia para mim no quarto grande, enquanto nos balançávamos, sentadas juntas em uma cadeira de balanço que fazia tique-taque ritmicamente como se um grilo acompanhasse a história. Nas tardes de inverno, lia para mim, na sala de jantar em frente à lareira com o relógio a cuco que concluía a história com um ‘Cuco’, e à noite quando me enfiava na cama. Provavelmente, eu não lhe dava trégua. Às vezes, lia para mim na cozinha, enquanto batia a manteiga na tigela e o rumor da batedeira acompanhava como um soluço toda a história” (Merletti, 1996, p. 33, apud).

Portanto, a exposição regular da criança ao prazer do som da palavra desperta o desejo de ler porque “a leitura em voz alta confere à leitura uma importância afetiva forte e indelével que contribui, em modo determinante, para a criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento do prazer de ler” (Merletti, 1996, p.13) uma vez que, não podemos negar, “compartilhar histórias é como transmitir uma parte de si mesmo, é participar de um ato criativo, intensamente vivido e saboreado” (p. 48).

Em nossa experiência, pudemos observar entre as crianças dois tipos de ouvintes: as crianças com habilidades de leitura mais sofisticadas apenas ouviam, contentando-se somente com o som das palavras. Outras crianças apresentavam uma necessidade de escutar a história olhando contemporaneamente as imagens do livro. Do ponto de vista psicológico, as crianças menores e aquelas com menor contato com a leitura recorrem, quase

sempre, ao suporte visual (as imagens do texto) porque as ajuda a compreender a história. Na nossa vida cotidiana, esse mesmo fenômeno pode ocorrer com adultos quando temos dificuldade para compreender, memorizar ou explicar um certo argumento. Para facilitar o entendimento, recorremos a uma forma de representação escrita ou gráfica.

Uma última preocupação diz respeito à escolha do livro, problema também afrontado pela pesquisa. Como vimos nos resultados, o bom livro é aquele que atende as reais necessidades da criança, por isso deve acompanhar o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo e, a partir daí, ser capaz de despertar o interesse e a curiosidade pela leitura.

Por fim, vale dizer, o nosso trabalho está longe de explicar todos os aspectos envolvidos na questão da leitura. Muito há a discutir sobre as relações da leitura com a aprendizagem da escrita. Optamos, porém, por discutir as reações das crianças diante da leitura em voz alta. Nosso enfoque privilegiou descobrir a influência que essa prática de leitura tem sobre o despertar do “gosto de ler”.

## Referências

1. BUENO, D. M. A. G. A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania. *Leitura: teoria & prática*, ano 18, nº 34, p. 68 – 77. dez. 1999
2. CATARSI, Enzo. Leggere: a scuola il ‘dovere’, in biblioteca il ‘piacere’? Disponível em <www.giuntiscuola.it>. Acesso em 11 mar 2005.
3. GENOVESI, G. Leggere oltre la scuola. In: G. Genovesi & P. Magari (org.) *Leggere a scuola e oltre*, Ferrara, Corso Editoreb, 1993.
4. INSTITUTO PAULO MONTENEGRO E AÇÃO EDUCATIVA. *Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF)*, São Paulo, 2001.
5. BLANCO, Felipe. Salvador despreza os livros. A TARDE. Salvador, domingo, 28/1/2007, Caderno de Cultura.
6. MERLETTI, R. Valentino. *Leggere ad alta voce*. Milano, Mondadori, 1996.
7. STINGHEN, M. G. Almanques e profecias: leitura de cordel. *Leitura: teoria & prática*, ano 18, nº 34, pp. 40 – 45, dez. 1999
8. WELTY Eudora. One Writer’s Beginnings. In: Merletti R V. *Leggere ad alta voce*. Milano, Mondadori, 1996.

Recebido em 30/08/2006

Aceito para publicação em 29/11/2006